

PRODUÇÃO DE FANZINE PARA FORMAÇÃO DOCENTE

Fanzine production for teacher training

Maria Aparecida Alves da Silva – SEESP/SP*

Resumo: Trabalhar o fanzine na Formação de Professores de Ciências, a partir de oficinas, tendo como objetivo conhecer práticas que envolvem a criatividade expressiva pode enriquecer a formação do professor que busca propostas educativas que possibilitem inovações, estimulem e sejam facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, foram oferecidas oficinas de fanzines a professores e orientadores pedagógicos de escolas estaduais. As oficinas tiveram como objetivo apresentar o fanzine, um veículo midiático como dinâmica educativa, com a proposta de produção individual de um fanzine. Os resultados apresentaram-se bastante positivos: todos os participantes produziram seu fanzine e relataram que isso favoreceu o exercício da criatividade. Nesse sentido considera-se que trabalhar com os fanzines na Formação de Professores contribuiu de maneira significativa para refletir sobre práticas educativas que valorizem a criatividade em sala de aula.

Palavras-chave: Fanzine. Formação de Professores. Experiência.

Abstract: Working the Fanzine in the Training of Science Teachers, from workshops, aiming to know practices that involve expressive creativity can enrich the teacher training that seeks educational proposals that enable innovations, stimulate and facilitate the teaching-learning process of students. In this sense, fanzines workshops were offered to teachers and pedagogical guides from state schools. The workshops aimed to present the fanzine, a media vehicle as an educational dynamic, with the proposal of individual production of a fanzine. The results were very positive: all the participants produced their fanzine and reported that this favored the exercise of creativity. In this sense, it is considered that working with fanzines in Teacher Training contributed significantly to reflect on educational practices that value creativity in the classroom.

Keywords: Fanzine. Teacher training. Experience.

INTRODUÇÃO

Este relato surge a partir da experiência de trabalhar com fanzines, termo que na definição de Magalhães (2003), origina-se de “fanatic magazine” que traduzido resulta “revista do fã”; são experimentos amadores, produções artesanais, tradicionalmente com tiragem baixa, impressão em mimeógrafos, fotocopiadoras ou pequenas impressoras. A oficina foi realizada a partir da proposta de uma disciplina (Arte, Ciência e Educação: Olhares Diversos e Práticas Possíveis) oferecida pela linha de pesquisa “Formação de Professores e Práticas Docentes”- do PPGE/Sorocaba, da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, da qual participei como aluna especial. A oficina foi ministrada pelo Prof. Dr. Gazy Andraus, e aconteceu em dois dias, com duração de 4 horas cada.

Essa foi a primeira aproximação com o fanzine; anteriormente a isso, nunca tinha tido um contato tão significativo, não que não soubesse do que se tratava, conhecia dos shows de rock, pois as bandas se promoviam, divulgavam seus shows por meio destes. Nesta oficina se deu uma intimidade maior com o fanzine, possibilitando o processo de criação, desenvolvendo a autoralidade, a expressão artística, além disso, “o fanzine é por outro lado, o ato de dar sentido a um sentimento, uma atitude sóbria, racional e reflexiva de criar significados a partir de uma explosão”. (MUNIZ, 2010 p.12).

Através dessa oficina, vi no fanzine uma possibilidade de prática pedagógica com um grande diferencial a ser trabalhado em sala de aula, pois nós, professores, somos constantemente pressionados a buscar práticas inovadoras, recursos pedagógicos que motivem o aprendizado em nossos alunos. Segundo Rogers (1985), o papel do professor deve ser criar uma atmosfera favorável

*Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Mestre em Educação (UFSCar-So), docente da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo. E-mail: mari_alvis@hotmail.com.

ao processo de ensino, o de tornar os objetivos tão explícitos quanto possível e o de ser sempre um recurso para os alunos.

FANZINE

Como já foi dito anteriormente, seria a junção de duas abreviações “fan” de “fanatic” e “zine” de “magazine”, portanto, traduzindo ficaria “fã” e “revista”, ou seja, revista do fã, assim, sendo uma revista criada pelo fã de determinado assunto, (cinema, literatura, poesia, música, HQ). O seu conteúdo pode tratar de tudo acerca desses determinados assuntos, funcionando como um canal de expressão através do qual o sujeito escoia suas ideias, suas inquietações, angústias, paixões, e, assim, consegue dizer as demais pessoas aquilo que sente; expressar reflexivamente sobre as formas de vida da nossa sociedade atual. O primeiro fanzine surgiu em 1930, nos EUA, era um fanzine que tratava sobre ficção científica, e posteriormente, se espalhou mundialmente.

Já na Inglaterra, dos anos 1970, durante o movimento punk que tinha como lema “do it yourself”, ou seja, “faça você mesmo”, não espere melhores condições para desenvolver sua ideia e pô-la em circulação, o fanzine teve seu alcance ampliado. No Brasil, o primeiro fanzine que se tem notícia surgiu em 1965, na cidade de Piracicaba, interior do Estado de São Paulo, e foi criado por Edson Rontani. Hoje em dia o fanzine continua sendo usado como veículo de comunicação, expressando ideias, combatendo a cultura padronizada, levando informações, se posicionando sobre diferentes assuntos, de forma livre e independente, com uma aparente vantagem: os fanzineiros dos dias atuais divulgam seus fanzines na Internet, potencialmente atingindo um público maior, ao contrário do que ocorria no passado quando esse intercâmbio era feito apenas via correio.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EXPERIÊNCIA

Nas últimas décadas houve um crescente aumento na oferta de cursos de formação de professores, principalmente dos cursos de licenciaturas à distância, muitos dos quais, oferecem uma precária qualidade na formação, destacando os cursos para formação de professores que atuarão na educação básica. Essa preocupação é expressa pela comunidade acadêmica, onde:

A grande inquietação da comunidade de educadores diante desse quadro é que a inserção, nos moldes propostos, de uma modalidade de formação docente que é oferecida ainda de maneira mais precária que a dos cursos presenciais, em vez de contribuir para a solução da crise de formação de professores, poderá tornar mais frágeis os processos de formação docente. (GATTI e BARRETO, 2009, p. 116).

Tanuri (2011), diz que devido às falhas na política de formação, principalmente no que se refere às ações governamentais à carreira e a remuneração do professor, em consequência uma enorme desvalorização da profissão e em decorrência um prejuízo enorme na qualidade do ensino em todas as esferas. Por sua vez, Duran (2010), também, chama a atenção para a desvalorização da profissão, segundo a autora;

Um breve olhar para os processos de profissionalização de professores, atualmente em curso no Brasil, evidencia o panorama conflituoso, por vezes aligeirado, da formação inicial e da formação continuada dos professores, panorama que vem sendo destacado como de “desvalorização” dos professores. (DURAN, 2010, p. 47).

A grande demanda dos cursos de formação inicial e continuada, além da desvalorização social da profissão não são os únicos desafios enfrentados pela Formação de Professores, Duran (2010), ainda fala dos “baixos salários”, o que não atrai professores bons, “a falta de estímulo”, não há um estímulo por parte das políticas educacionais, “o desgaste de possíveis agressões e o desrespeito dos alunos por seus professores”, mas apesar de todas essas dificuldades, a partir de um estudo realizado por Duran (2010), com jovens em formação, há a crença de que “[...] ainda vale a pena ser professor no Brasil”. Isso tudo, faz-nos refletir sobre a Formação de Professores, pensando em alternativas que possam amenizar esses problemas, pois a insatisfação é o que nos faz movimentar, ir à busca de melhorias, tentarem superar nossas fragilidades, mudar o cenário em que atuamos, pois:

Podemos dizer que há formação quando há obra de pensamento e que há obra de pensamento quando o presente é apreendido como aquilo que exige de nós o trabalho da interrogação, da reflexão, da crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão, pergunta problema, dificuldade. (CHAUÍ, 2003, p.12).

Outra preocupação muito presente na Formação de Professores é referente à teoria-prática, alguns defendem cursos mais voltados para a teoria, outros, que se de uma maior ênfase a prática, instituindo incursões práticas já no início da formação. Diniz-Pereira, cita um texto, de 1904 (*The Relation of Theory to Practice in the Education of Teachers*), no qual John Dewey foi categórico ao afirmar que “[...] a formação profissional adequada dos professores não é exclusivamente teórica, mas envolve determinada quantidade de trabalho prático” (DINIZ-PEREIRA, 2010, p.84). Ele estava convencido “[...] de que a formação teórica, meramente teórica, incompreensível, remota [é] relativamente inútil para o professor” (DINIZ-PEREIRA, 2010), fica claro que essa não é uma preocupação recente da formação de professor, e sim que já tem mais de um século que se discute essa questão, sem que se chegue a uma solução para o problema.

Para Diniz-Pereira (2010), mesmo que a legislação brasileira, no que diz respeito à formação de professores, avance na indissociabilidade teoria-prática na preparação dos professores, e para que isso ocorra se faz necessário aumentar a carga horária prática das licenciaturas, isso não quer dizer que as instituições de ensino acatarão determinada proposta, traduzindo mudanças na grade curricular, pois segundo o autor, a origem de se compreender e seguir essa proposta remonta a Grécia clássica, e, portanto, estão enraizadas em nossa cultura. O problema se torna mais complexo, quando Diniz-Pereira (2010) traz a questão das experiências vivenciadas pelos professores em início de carreira, que dependendo do tipo de experiência, se negativa ou positiva, vai determinar sua permanência ou desistência da profissão, pois o professor em início de carreira está em um momento de incerteza, instabilidade; um “tatear constante” (HUBERMAN, 1992) do caminho a percorrer.

Portanto, se pensarmos a experiência como um importante processo de formação, para quem “[...] a troca de experiências é uma das formas em que o saber da experiência é objetivado” (TARDIFF, 2002, p.50), podemos ver no fanzine, um espaço de troca de experiências, funcionando como “[...] um dispositivo de formação de professores, através da investigação dos saberes e das significações (re) construídos no espaço” (OLIVEIRA, 2010, p.70), um espaço de criação, expressão, de compartilhar ideias, experiências. O fanzine é tido como um dispositivo, “o dispositivo passa ser entendido como qualquer lugar/espaço no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, um movimento em que o sujeito está implicado. Implica consigo, implicando-se a partir dos outros e implicando com os outros”. (OLIVEIRA, 2010, p.71).

Portanto, a pessoa se coloca no espaço de formação, sendo protagonista, atuando de maneira ativa, faz experimentos, não é somente ouvinte de teorias que foram vividas por outros, mas ao ouvir o outro possibilita acionar suas vivências formativas, problematizando-as, é a todo o momento atravessado pelas experiências. Como dispositivo de formação de professores, o fanzine é uma alternativa dinâmica, fundamentada na prática, “uma ação dirigida à busca de alternativas concretas para a formação de professores e o trabalho educativo”. (SILVA, 2011, p.29).

OFICINA DE FANZINES

A oficina de fanzines se deu em dois dias e foi dividida em dois momentos: um teórico e o outro prático. No primeiro dia, tivemos uma aula teórica, na qual foi abordada a história dos fanzines, como surgiram, como foram se constituindo ao longo do tempo e como estava sendo visto na atualidade. Foi uma aula expositiva, a partir de um recurso tecnológico (computador, slides, projetor), com uma fundamentação teórica.

Nessa aula, podemos verificar o fanzine na materialidade, por meio de exemplares que o Prof. Gazy levava, para que assim, pudéssemos manipular, folhar, verificar os diferentes formatos que eram possíveis fazer, a disposição das imagens, textos no papel sulfite, e assim, tivemos esse primeiro contato com o fanzine, essa primeira experiência, remetendo ao que Larrosa define; “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova”. (LARROSA, 2002 p.21).

Nesse dia, ocorreu uma primeira aproximação com o fanzine, tínhamos adquirido o conhecimento teórico do que poderia ser o fanzine, mas faltava à prática, fazer o nosso fanzine, o que aconteceria no segundo dia. Fomos embora com uma única tarefa! A de voltarmos no segundo dia dispostas a criar e com a proposta de a partir de algo de “maneira simples, de fazer o original do fanzine, é utilizar papel, caneta e cola, escrevendo ou coletando material escrito, escolhendo ilustrações, com montagem do material num papel no formato que vai ser reproduzido” (GUIMARÃES, 2005 p.11), mas isso não é regra, cada um tem seu processo de montagem, seu processo de criação.

No segundo dia da oficina, tivemos o momento da prática, no qual o Prof. Gazy explicou que o fanzine tinha várias formas de dobraduras no papel, ou seja, que poderíamos fazer formatos geométricos diversos, só dependeria da nossa criatividade. Para essa aula, ele levava diversas canetas, (ele pediu que tomássemos cuidado na escolha da cor, pois não são todas cores que saem no momento da impressão), papel sulfite, revistas diversas, cola, grampos para finalizar os fanzines, diante de todo o material pronto, só nos foi feita uma única recomendação, que nos deixássemos levar por nossa imaginação, potencial criativo.

E, assim partimos para construção do fanzine, a busca de diferentes formas linguísticas presente nos textos, a exploração das imagens, daquela que melhor representaria o que queríamos expressar, as dificuldades no início, como relacionar imagem e texto. Esse fanzine tinha uma proposta autobiográfica (Biografazine): na proposta, teríamos de construir nossa biografia dentro do espaço do fanzine, por isso se tornava importante o formato escolhido, a quantidade de páginas, quadros. Portanto, antes de ir colando imagens, escrevendo textos, seria importante traçar um roteiro para definir a sequência que o material criado entraria no fanzine.

Uma das grandes vantagens de se trabalhar com o fanzine é que por serem publicações experimentais possibilitam a criatividade; a minha ideia inicial foi rejeitada, pois me tomava demasiado tempo na construção do fanzine. Diante do papel, optei por desenhar minha história, o fanzine possibilita o desenho, sempre gostei de desenhar, tanto que fiz cursos de desenho na adolescência, mas tinha deixado de lado. Assim, que vi o papel resolvi desenhar, para minha tristeza perdera a prática, mas não esquecera as técnicas, como segurar o lápis, o risco, como dar formas... mas isso levaria mais tempo no processo de construção, desisti desse primeiro experimento, guardei-o com a intenção de retomá-lo em algum momento com mais tempo. Resolvi buscar nas revistas imagens que pudessem expressar o que eu queria e tentar articular com textos autorais e de poesias que escolhera, diminuindo o tempo que levaria desenhando.

O fanzine possui uma construção estética, sem “glamour”, são produções frágeis, que com o passar do tempo às folhas amarelam, mancham, se soltam, rasgam, os grampos enferrujam e corroem o papel, mas, a grande atração dos fanzines está no seu conteúdo, onde o indivíduo expõe seus sentimentos, suas angustias, ideias, se desnuda, se torna exposto. Como coloca Larrosa (2002 p.19), “O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência”.

Nesse dia, as horas passaram tão depressa, que quando demos conta, tinha chegado ao fim, era o momento de apresentar nossos fanzines aos demais participantes da oficina. A apresentação dos fanzines foi um momento de festa, pudemos verificar o trabalho de cada um pronto, a ideia concretizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação nessa oficina de fanzine pode me proporcionar momentos muito significativos, principalmente no que refere à criação de algo, mas, também a possibilidade de conhecer uma linguagem artística que pode ser tomada como um recurso pedagógico. O encontro com a criação, com a autoria, a expressão artística possibilitada pelo fanzine, pode ser expressa em Freire (2001, s.p.), quando ele diz que ensinar não é somente transmitir o conhecimento, mas fazer com que esse conhecimento seja uma possibilidade de produção ou construção.

Essa oficina de fanzines teve um desdobramento maior em mim, pois a partir desse momento, desenvolvi um interesse pelos fanzines, trabalhando em sala de aula com meus alunos, o que proporcionou momentos de ensino-aprendizagem muito significativos e o desenvolvimento de uma pesquisa tendo como um dos temas o fanzine, o qual resultou em uma dissertação de mestrado. Morin exemplifica bem quando diz, “a missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um

modo de pensar aberto e livre". (MORIN, 1999/2000 p.11). Considero que o fanzine nos permite por meio de seu potencial criador que possamos tecer compreensões favoráveis de nossa realidade e possibilite essa abertura da mente para o novo, pautado na liberdade.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, G. *Os Fanzines: Revistas Independentes de Expressão Criativas e Artística*. São Paulo (s.d.).

DINIZ-PEREIRA, J. E. A Epistemologia da Experiência na Formação de Professores: primeiras aproximações. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*. Belo Horizonte, v. 02, n. 02, pp.83-93, jan./jul. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acessado em: 18 jan. 2016.

DURAN, M. C. G. Profissão Docente: desafios de uma identidade em crise. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*. Belo Horizonte, v.02, n.02, pp. 46-53, jan./jul. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acessado em: 18 jan. 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. UNESCO. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/professores_brasil_resumo_executivo_2009.pdf. Acessado em: 18 jan. 2018.

HUBERMAN, M. O Ciclo de Vida Profissional dos Professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

LAROSSA-BONDIA, J. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf> acessado em 16/06/2014. Acessado em: 18 jan. 2018.

MORIN, Ed. *A cabeça bem-feita: reformar o pensamento para reformar o ensino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999/2000.

MUNIZ, C. R.; et al. *Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

OLIVEIRA, V. F. Formação Docente: aprendizagens e significações imaginárias no espaço grupal. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*. Belo Horizonte, v.02, n.02, p. 68-82, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acessado em: 18 jan. 2018.

ROGERS, C. R. *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

SILVA, K. A. C. P. C. A Formação de Professores nas Perspectivas Crítico- Emancipadora. *Revista Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9461/1/ARTIGO_FormacaoProfessoresPerspectiva.pdf. Acessado em: 18 jan. 2018.

TANURI, L. M. História da Formação de Professores. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, RJ, n. 14, p. 61-88, mai./jun./jul./ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>. Acessado em: 18 jan. 2018.

Recebido em: 10.11.2018

Aprovado em 10.12.2018